

***Violência Baseada em Género:***  
*Questões Emergentes em Programas*  
*Orientados a Servir Populações*  
*Deslocadas*

Beth Vann

VBG Global Technical Support Project  
(Projecto VBG de Apoio Técnico Global)

JSI Research and Training Institute  
(Instituto JSI de Pesquisa e Capacitação)  
por parte do  
Reproductive Health for Refugees Consortium  
(Consórcio para Saúde Reprodutiva para Refugiados)

Setembro de 2002

O Projecto VBG de Apoio Técnico Global fornece assistência técnica e capacitação para agências da ONU, organizações não-governamentais internacionais e nacionais, governos anfitriões, e comunidades deslocadas. O projecto procura fortalecer a prevenção e resposta à violência baseada em género facilitando o desenvolvimento de estratégias efectivas de programa com populações afectadas pelo conflito armado. É conduzido pelo "JSI Research and Training Institute" (Instituto JSI de Pesquisa e Capacitação) em colaboração com o "Reproductive Health for Refugees Consortium (Consórcio de Saúde Reprodutiva para Refugiados). As actividades são financiadas pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos sob a autoridade da Lei de Migração e Assistência a Refugiados de 1962, conforme emendada.

O "Reproductive Health for Refugees Consortium (RHRC)", estabelecido em 1995, trabalha para aumentar o acesso a uma gama de serviços de saúde reprodutiva de qualidade e voluntários para populações afectadas pelo conflito armado. Cada membro contribui de maneira singular; a colaboração forneceu ao RHRC habilidades multidisciplinares numerosas e capacidades técnicas, assim como uma extensa base de capo. Os membros do RHRC são o "American Refugee Committee", (Comité Americano para Refugiados) CARE, "Columbia University's Heilbrunn Center for Population and Family Health" (Centro Heilbrunn para População e Saúde Familiar da Universidade de Columbia), "International Rescue Committee" (Comité de Resgate Internacional), "JSI Research and Training Institute" (Instituto JSI de Pesquisa e Capacitação), "Marie Stopes International", e "Women's Commission for Refugee Women and Children" (Comissão da Mulher para Mulheres e Crianças Refugiadas).

O "JSI Research and Capacitação Institute" é afiliado de John Snow, Incorporated e fornece uma gama de serviços de pesquisa e consultoria nos sectores da atenção e serviços da saúde. A JSI, cuja missão é melhorar a saúde e bem-estar das pessoas ao redor do mundo, trabalhou em mais de 80 países. Sua sede está em Bóston, Massachusetts; outros escritórios estadunidenses estão em Washington, D.C., Concord, New Hampshire, e Denver, Colorado. A JSI também mantém escritórios em mais de 20 países em todo mundo em desenvolvimento.

Beth Vann MSW, a Consultora Técnica Global em VBG, especializa em projectos que lidam com violência contra mulheres em populações afectadas pelo conflito armado. Desde 1998, seu trabalho concentrou em assessoramento técnico em VBG, capacitação, e pesquisa com comunidades deslocadas, ONG, agências da ONU, e governos anfitriões. Sra. Vann tem 20 anos de experiência em desenvolvimento e administração de programas de saúde e serviço social, e trabalhou em 12 países. Ela tem um mestrado em assistência social e um bacharelado em psicologia.

© 2002

"The Reproductive Health for Refugees Consortium"

Todos os direitos reservados.

A reprodução é autorizada, com excepção de objectivos comerciais, portanto que a RHRC é reconhecida.

Impresso nos Estados Unidos da América.  
Download PDF está disponível no <[www.rhrc.org](http://www.rhrc.org)>

“Reproductive Health for Refugees Consortium”  
a/c  
JSI Research & Training Institute  
1616 North Fort Myer Drive, Arlington, Virginia 22209 USA

***Violência Baseada em Gênero:***  
*Questões Emergentes em Programas*  
*Orientados a Servir Populações*  
*Deslocadas*

## RECONHECIMENTOS

Este relatório foi tornado possível pelo compromisso de Meriwether Beatty no “JSI Research and Capacitação Institute” que sempre acha modos e meios para fornecer assistência técnica VBG onde é mais necessária. Jeanne Ward, a pesquisadora oficial VBG do RHRC, e Doris Bartel e Veronica Magar de CARE são todas colegas nas trincheiras de VBG, enquanto compartilham suas experiências, perspicácia, e força.

Heidi Lehmann e Sophie Read-Hamilton, ambos com o programa VBG do IRC de Serra Leoa, contribuíram com sua sabedoria e compreensão impressionante, dando forma às análises contidas neste relatório. Estas mulheres, junto com Sarah Martin e Elizabeth Rowley da JSI, revisaram o relatório e forneceram valiosos comentários editoriais. SSR Incorporou era um que contribuindo redator a este relatório. Tutten de Janice de Palavras, Palavras, Palavras e Cullather de Chrysa de Artigo de Chrysalis ambos viraram um desafio e situação difícil num recompensar edita experiência. Devem ser creditados com a corrente documento polido. Somos extremamente agradecidos a ambos de eles para sua paciência, para consideração e habilidades excepcionais.

Susan Purdin do “Heilbrunn Center for Population and Family Health”, da Universidade de Columbia em Nova Iorque, foi professora e mentora no desenvolvimento de instrumentos de capacitação e práticas indicadas para monitorar e avaliar o programa VBG, conforme discutido no Capítulo 7.

Agradecimentos também a Therese McGinn e Roger Vaughn do “Heilbrunn Center for Population and Family Health, da Universidade de Columbia, Nova Iorque. O capítulo sobre monitoria e avaliação reflecte fortemente o seu trabalho inédito, “The Causal Pathway” (O Caminho Causal) que descreve um processo para o desenho, monitoria, e avaliação do programa.

Kate Burns, da ACNUR de Genebra foi uma líder incansável, enquanto contribuindo directamente ao teor multi-sectorial da VBG, prática agora considerada indicada. Ela ajudou a pavimentar a maneira pela qual a ACNUR, tanto nos programas rurais e na sede em Genebra, conseguisse fortalecer a colaboração com o Projecto VBG de Apoio Técnico Global, aprimorando assim os programas de VBG no campo.

Mulheres refugiadas, PDI (PESSOAS DESLOCADAS INTERNAMENTE), e mulheres, homens, e crianças que voltavam compartilharam suas histórias e opiniões. Agências da ONU, ONG, representantes de governo locais, e membros da comunidade participaram activamente em discussões, às vezes prolongadas e difíceis, para ajudar todos nós a compreender questões e resolver problemas.

Agradecimentos especiais para os que facilitaram as sete visitas a países destacados neste relatório, tanto abrindo portas quanto fornecendo apoio logístico e hospitalidade: Josee LeMieux da FNUAP em Angola; De Evans da IRC e Clementine Nkweta-Muna da ACNUR em Guiné; Joanina Karugaba da ACNUR e Martha Saldinger da ARC em Serra Leoa; Nipaporn Itang e Gary Dahl da ARC e Ohmar Khin

das organizações das mulheres da Birmânia na Tailândia; Jelena Oplanic e Biljana Brankovic de CARE na Jugoslávia; Brenda Cupper, Petros Banda, e Chipogift Muponisi de CARE na Zâmbia; e Liz Sime e Nadia al-Alawi de CARE na Eritreia.

A Agência de População, Refugiados, e Migração no Departamento de Estados dos EUA fornece fundos generosos para o Projecto Global VBG de Apoio Técnico, inclusive o desenvolvimento e publicação deste relatório. BPRM, através dos seus fundos, advocacia, e apoio aos programas VBG em ambientes de refugiados ao redor do mundo, fez grandes contribuições ao inventário actual de conhecimento, e provê fundos muito necessários para assistência directa a sobreviventes.

A freira Catherine Sia Dauda, uma dos milhares de heroínas quietas na luta mundial para ajudar as sobreviventes de VBG em populações deslocadas, é uma inspiração e ajudou a formar a minha compreensão sobre as mulheres que sobrevivem VBG. A freira Catherine salvou vidas incontáveis pela sua ajuda inexorável e compassiva para as mulheres e crianças abusadas durante a guerra em Serra leoa e a experiência de refugiados em Guiné.

## PREFÁCIO

Os acrónimos são ambos, a taquigrafia e a essência da comunidade internacional, e os programas de violência baseados em género certamente não são excepção. Os termos e abreviações que usamos para as questões às quais nos dirigimos mudam com o passar do tempo enquanto revisamos nossa compreensão destas preocupações.

Nos anos iniciais, nós na comunidade internacional estávamos lidando com a *violência sexual (VS)* através de *vítimas de violência (VDV)* em contextos de refugiados. Com o tempo, percebemos a importância de reconhecer e realçar a força e resiliência de vítimas de violência. Logo, estávamos chamando-as de "sobreviventes". A palavra "vítima" conota impotência e estigma, os próprios resultados que todos os projectos estão tentando prevenir. Projectos antigamente conhecidos como VDV se tornaram projectos para sobreviventes da violência – SDV.

Ao decorrer do tempo, percebemos que VS era um termo muito limitado porque não incluía questões de violência doméstica, várias práticas tradicionais prejudiciais, e outros problemas relacionados.

Ao mesmo tempo, estávamos descobrindo um idioma novo que incluiu igualdade de género, equidade de género, popularização de género, e género em desenvolvimento. Assim, a VS se tornou VSBG *violência sexual e baseada em género*.

Enquanto isto, a OMS estava estudando a *violência contra mulheres* e a FNUAP estavam escrevendo sobre *violência baseada em género*.

Em 2001, os membros do RHRC estavam debatendo o uso de VSBG. O termo foi julgado redundante e confuso porque insinua que a violência sexual não é violência baseada em género, e vice-versa. Na realidade, o grupo concordou a violência sexual é uma forma de violência baseada em género, e não separada. O consórcio decidiu então que VSBG seria conhecido doravante VBG.

No momento desta edição, o ACNUR usa VSBG, a OMS utiliza VCM, e o FNUAP usa VBG.

No início de 2002, quando um escândalo surgiu na África Ocidental em relação à exploração de jovens mulheres refugiadas pelos trabalhadores em organizações humanitárias, algumas organizações tentaram estabelecer o termo, *violência sexual e baseada em género e exploração*. O uso de VSBGE demonstra uma desconexão – uma convicção errónea que de alguma maneira a exploração sexual não é uma forma de violência sexual e baseada em género. O termo VSBGE foi de curta duração, mas fornece um exemplo perfeito de quão pouco é verdadeiramente compreendido sobre o que queremos dizer quando usamos VSBG ou VSBGE ou VBG ou VCM.

Esta publicação usa o termo VBG. Acreditamos que o termo claramente e simplesmente enquadra as questões centrais de género subjacentes a todas as formas de violência às quais os programas de VBG buscam se dirigir. Enquadrando estes como questões de género, os programas VBG então precisam incluir as mulheres, homens, meninas, e meninos – e tratar os assuntos da sociedade de género, igualdade, e poder. Considerações adicionais pertinentes a contextos individuais, como idade, etnia, educação, e estado socioeconómico são também incluídos implicitamente.

Este livro é um compêndio de lições chave aprendidas durante meus cinco anos trabalhando com VBG programa em 12 países; é projectado para ser lido e usado pelo pessoal e voluntários que trabalham para proteger populações deslocadas de políticos de alto nível até trabalhadores baseados no campo. Espero que as questões, observações, e desafios identificados neste livro e as ideias apresentadas não só acrescentarão ao conhecimento colectivo sobre VBG mas também motivarão organizações de assistência humanitária a fortalecer seus esforços colaborativos para prevenir e responder à VBG.

*Primeira parte, Padrões Emergentes*, descreve a evolução de programadas VBG que servem populações afectadas pelo conflito armado. O Capítulo 2 é uma breve descrição do modelo actual indicado para integrar a prevenção de VBG e resposta no trabalho de todos os actores humanitários. O Capítulo 3 descreve os desafios mais comuns à prevenção de VBG e esforços de resposta, e esboça soluções que são descritas mais adiante em outros capítulos. O Capítulo 4 é uma análise dos desafios chave que as organizações enfrentam a níveis políticos enquanto tentam integrar as acções VBG no seu trabalho; inclui recomendações para resolver esses desafios.

*A segunda parte, Questões Comuns, Soluções Práticas*, é uma análise das sete áreas problemáticas mais comuns para os programas VBG no campo. Cada capítulo descreve uma questão, analisa as razões subjacentes às dificuldades e oferece sugestões para resolver estas áreas problemáticas na programação.

*Terceira parte, Programas Variados, Desafios Compartilhados*, contém resumos dos sete programadas VBG que visitei recentemente, e suas necessidades de ajuda técnica. Com seu programa VBG pendente, novato, ou estabelecido, cada perfil é um microcosmo do estado dos aproximadamente 13 programas VBG integrados ao redor do mundo que servem populações afectadas pelo conflito armado. Cada perfil discute brevemente a razão pela situação da população deslocada naquele país, os assuntos relacionados à VBG, e a assistência técnica que forneci durante as viagens de campo. A AT em cada país surgiu de um processo consultivo e participativo envolvendo todas as partes interessadas. Na maioria dos casos, a equipe interagências de VBG recebeu assistência técnica e capacitação; frequentemente, isto incluiu facilitar o planeamento de programadas com a equipe. A maioria das equipes dos países desenvolveu planos específicos para estabelecer e/ou fortalecer os programadas de VBG.

*Anexo A* é uma lista de materiais de recursos indicados, pertinentes à programação de VBG em populações afectadas pelo conflito armado.

*O Anexo B* é uma amostra de manual de procedimentos inter-agências para prevenção de VBG e resposta. O manual, que pode ser revisado e adaptado para uso em qualquer contexto, especifica os procedimentos e acordos para coordenação, colaboração, e comunicação inter-agências. O primeiro tal manual foi produzido pela equipe inter-agências de VBG na Tanzânia em 2000. Desde então, foi revisado e tem sido considerado para uso em vários países. Como com muitos componentes de programadas VBG que servem populações deslocadas, o conceito de um manual de procedimentos está em sua infância. Com a acção inter-agências sendo refinada e compreendida cada vez mais ao passar do tempo, com desenvolvimento contínuo de programadas e lições continuando a ser aprendidas, os instrumentos como este manual continuarão a evoluir e a mudar.

## ABREVIações

AIDS	acquired immune deficiency syndrome SIDA – síndrome de imunodeficiência adquirido
ARC	American Refugee Committee Comité Americano para Refugiados
BBC	Burma Border Consortium ou British Broadcasting Corp.
BPRM	Bureau of Population, Refugees, and Migration (U.S. State Department) Agência de População, Refugiados e Migração (Departamento de Estado dos EUA)
CCSDPT	Committee for Coordination of Services to Displaced Persons in Thailand Comité para Coordenação de Serviços a Pessoas Deslocadas na Tailândia
CDC	Centers for Disease Control Centros para Controle de Enfermedades dos EUA
COERR	Catholic Office for Emergency Relief and Refugees Community Safety Initiative Repartição Católica para Socorro de Emergência e Iniciativa de Segurança Comunitária para Refugiados
CSI	Community Safety Initiative Iniciativa para Segurança Comunitária
DFID	Department for International Development (United Kingdom) domestic violence Departamento para o Desenvolvimento Internacional (Reino Unido) violência doméstica
DV	Domestic violence VD – violência doméstica
FAWE	Forum of African Women Educationalists Foro de Educadoras Femininas Africanas
FGM	Female genital mutilation, also known as female genital cutting gender based violence Mutilação genital feminina, também conhecida como violência baseada em gênero através da excisão genital

GBV	Gender-based violence VBG – violência baseada em género
GBV TA	Gender based violence technical advisor or technical assistance AT VBG – assessor técnico ou assistência técnica para violência baseada em género
HIV	Human immunodeficiency virus VIH – vírus da imunodeficiência humana
ICRC	International Committee of the Red Cross Comité Internacional da Cruz Vermelha
IDP	Internally displaced person PDI – Pessoa deslocada internamente
IEC	Information, education, and communication Informação, educação e comunicação
IMC	International Medical Corps Corpo médico internacional
IRC	International Rescue Committee Comité Internacional de Resgate
KWO	Karen Women's Organization Organização Karen de Mulheres
M&E	Monitoria and avaliação M&A - Monitoria e avaliação
NGO	Nongovernmental organization ONG – organização não-governamental
NUEW	National Union for Eritrean Women União Nacional para Mulheres da Eritreia
NUEYS	National Union for Eritrean Youth and Students União Nacional para Jovens e Estudantes da Eritreia
OSCE	Organization for Security and Cooperation in Europe Organização para Segurança e Cooperação na Europa
PLA	Participatory learning and action Aprendizagem e acção participativa
PRA	Participatory rural/rapid appraisal Avaliação participativa rural/rápida

RH	Reproductive health SR – saúde reprodutiva
RCH	Reproductive and children's health SRI – saúde reprodutiva e infantil
RHRC	Reproductive Health for Refugees Consortium Consórcio de Saúde Reprodutiva para Refugiados
RTG	Royal Thai Government Governo Real da Tailândia
RUF	Revolutionary United Front (Sierra Leone) FUR – Frente Unida Revolucionária (Serra Leoa)
SCF	Save the Children Fund Fundo para Salvar as Crianças
SGBV	Sexual and gender based violence VSBG – violência sexual baseada em género
SLA	Sierra Leone Army Exército de Serra Leoa
SOV	Survivor of violence SDV – sobrevivente da violência
STI	Sexually transmitted infection, also called sexually transmitted Disease DST – doença sexualmente transmissível, também chamado de infecção sexualmente transmissível
SV	Sexual violência VS – violência sexual
TA	Technical advisor; technical assistance AT – assessor técnico; assistência técnica
TBA	Traditional birth attendant PT – parteira tradicional
TOT	Trainer of trainers, training of trainers CDC – Capacitador de capacitadores, capacitação de capacitadores
TSZ	Temporary security zone (Eritrea-Ethiopia border area) Área temporária de segurança (área de fronteira Eritreia – Etiópia)

UAC	Unaccompanied child(ren) CD - Criança(s) desacompanhadas
UN	United Nations ONU – Organização das Nações Unidas
UNAMSIL	UN Assistance Mission in Sierra Leone Missão de Assistência da ONU em Serra Leoa
UNDP	UN Desenvolvimento Programa PNUD – Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas
UNDPKO	UN Department of Peacekeeping Operations Departamento das Nações Unidas para Manutenção da Paz
UNFPA	UN Population Fund FNUAP Fundo de População das Nações Unidas
UNHCR	UN High Commissioner for Refugees ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
UNICEF	UN Children's Fund Fundo das Nações Unidas para Infância
UNIFEM	UN Desenvolvimento Fund for Women FDNUM – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para Mulheres
UNOCHA	UN Office for Coordination of Humanitarian Assistance - Agência das Nações Unidas para Assistência Humanitária
USAID	US Agency for International Development Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
VAW	Violence against women VCM – Violência contra mulheres
VOV	Victim of violence VDV – vítima da violência
WFP	World Food Program – Programa Mundial de Alimentação
WHO	World Health Organization OMS – Organização Mundial da Saúde
YWCA	Young Women's Christian Association Associação Cristã de Jovens Mulheres

## Conteúdo

<b>PARTE 1 – PADRÕES EMERGENTES.....</b>	
<b>Capítulo 1: Uma breve história da Programação VBG .....</b>	
O Estado da Arte .....	
Novas Oportunidades .....	
<b>Capítulo 2: O Modelo Actual de Programa VBG .....</b>	
Esboço do Problema .....	
VBG .....	
Definição e Tratamento dos Programas VBG como Alvo .....	
Actividades de Coordenação .....	
Prevenção de VBG .....	
Resposta à VBG .....	
<b>Capítulo 3: Questões Emergentes na Programação VBG.....</b>	
Condições Comuns .....	
Questões Comuns.....	
Necessidades Comuns.....	
Soluções Comuns.....	
<b>Capítulo 4: Popularização dos Programas VBG.....</b>	
Dois Cenários Típicos.....	
Procura de Alguns Denominadores Comuns.....	
Situação da VBG em um Sistema Organizacional.....	
Mudança de Programas Verticais a Programas Popularizados .....	
Envolvimento da Comunidade.....	
O Longo e Árduo Caminho à Integração e Popularização.....	
<b>PARTE 2 – QUESTÕES COMUNS, SOLUÇÕES PRÁTICAS.....</b>	
<b>Capítulo 5: Achar e Manter Líderes VBG.....</b>	
Responsabilidades do Cargo.....	
Qualificações.....	
Características Recomendadas.....	
Como Achar Coordenadores VBG.....	
Como Manter Coordenadores VBG.....	
Desenvolvimento Profissional e Redes de Apoio.....	
Amostra de Descrição de Cargo.....	
<b>Capítulo 6: Construção de Recursos Humanos.....</b>	
Quem Executará o Trabalho?.....	
Desenvolvimento de um Programa Multi-dimensional.....	
Construção de Capacidades do Pessoal.....	
<b>Capítulo 7: Monitoria e Avaliação de Programas.....</b>	
M&A Requer Tempo e Recursos.....	
Incorporação de M&A dentro do Projecto do Programa.....	

Informação Necessária para Monitorar Indicadores.....	
Instrumentos para Monitoria.....	
Análise de Dados.....	
Fortalecimento da M&A.....	
<b>Capítulo 8: Utilização de Dados para Identificar e Resolver Problemas.</b>	
Como Achar os Dados.....	
Dados de Incidentes VBG de Quatro Países, 2001-2002.....	
Sistemas Prometedores em Serra Leoa e Tanzânia.....	
Dados de Abuso Sexual de Crianças na Tanzânia, 2000.....	
Detalhes de Dados de Relatórios de Incidentes VBG em Tanzânia, 1999-2000.....	
Melhoramento da Colecta e Análise de Dados.....	
<b>Capítulo 9: Definição da Orientação.....</b>	
O Que é a Orientação?.....	
O/as Orientador/as: Questões e Desafios.....	
Padrões Comunitários e Métodos Tradicionais de Aconselhamento.....	
Assistência Baseada na Necessidade.....	
O/as Orientadores: Qualidades, Habilidades, Conhecimentos.....	
Objectivos e Tipos de Orientação	
<b>Capítulo 10: Trabalhar com Crianças Abusadas.....</b>	
Riscos e Problemas VBG para Crianças.....	
Resposta à VBG Contra Crianças.....	
Prevenção da VBG Contra Crianças.....	
Perícia Especial, Colaboração Inter-agências.....	
<b>Capítulo 11: Parceria com Líderes Tradicionais.....</b>	
Órgãos Governadores Baseados na Comunidade.....	
Características Típicas.....	
Capacidade de Construção.....	
<b>PARTE 3 – PROGRAMAS VARIADOS, DESAFIOS COMPARTILHADOS....</b>	
Capítulo 12: Angola – <i>Começar em uma Zona de Guerra</i> .....	
Populações Deslocadas.....	
VBG.....	
Iniciativas e Programas VBG.....	
Missão AT VBG.....	
Avaliação e Recomendações AT.....	
<b>Capítulo 13: Eritreia – <i>Começo de um Programa VBG com PDI e Pessoas que Retornam</i>.....</b>	
Populações Deslocadas.....	
VBG .....	
Iniciativas e Programas VBG.....	
Missão AT VBG.....	
Assistência Técnica e Capacitação.....	

Avaliação AT.....	.....
Recomendações AT.....	.....

<b>Capítulo 14: Guine – Três Anos de Programação VBG Durante</b>	
<i>Movimentos Constantes de Refugiados e Baixos Níveis de Assistência.....</i>	
Populações Deslocadas.....	.....
VBG.....	.....
Iniciativas e Programas VBG.....	.....
Missão AT VBG.....	.....
Avaliação AT .....	.....
Assistência Técnica e Capacitação.....	.....
Recomendações AT.....	.....

<b>Capítulo 15: Sérvia – Refugiados, PID, cidadãos – um país em transição</b>	
Populações Deslocadas.....	.....
VBG.....	.....
Iniciativas e Programas VBG.....	.....
Missão AT VBG.....	.....
Avaliação AT .....	.....
Assistência Técnica e Capacitação.....	.....
Recomendações AT.....	.....

<b>Capítulo 16: Serra Leoa – Refugiados, pessoas que retornam, PID, cidadãos – um contexto pós-guerra complexo.....</b>	
Populações Deslocadas.....	.....
VBG.....	.....
Iniciativas e Programas VBG.....	.....
Missão AT VBG.....	.....
Avaliação AT .....	.....
Assistência Técnica e Capacitação.....	.....
Recomendações AT.....	.....

<b>Capítulo 17: Tailândia – Primeiros passos no planeamento do programa VBG.....</b>	
Populações Deslocadas.....	.....
VBG.....	.....
Iniciativas e Programas VBG.....	.....
Missão AT VBG.....	.....
Avaliação AT .....	.....
Assistência Técnica e Capacitação.....	.....
Recomendações AT.....	.....

<b>Capítulo 18: Zâmbia – Início de um programa VBG com refugiados</b>	
Populações Deslocadas.....	.....
VBG.....	.....
Iniciativas e Programas VBG.....	.....
Missão AT VBG.....	.....
Avaliação AT .....	.....

Assistência Técnica e Capacitação.....  
Recomendações AT.....

**ANEXOS.....**

Anexo A: Recursos.....  
Anexo B: Amostra de Manual de Procedimentos e Práticas Inter-agências.....

## **Tabelas**

4-1	Amostra de Plano para a Integração Gradual e Sistemática da Prevenção e Resposta para VBG.....
6-1	Guia para Capacitação e Construção de Habilidades com o Pessoal do Programa VBG .....
7-1	Problemas VBG Identificados em um Local Único durante a Análise da Situação, por Sector .....
8-1	Dados de Incidentes VBG Obtidos por Assessor/a Técnico/a VBG 2001-2002 .....
8-2	Incidentes Relatados de VBG Colectados para Quatro países, por País e Local, 2001-2002.....
8-3	Possíveis Factores Contribuintes para o Abuso Sexual de Crianças na Tanzânia.....
8-4	Taxas de Relatório VBG em Quatro Campos, Tanzânia, Agosto de 1999 a Janeiro de 2000 .....
9-1	Exemplos de Efeitos Colaterais de VBG e Assistência Psicológica Necessária .....
10-1	Violência por Género Durante o Ciclo de Vida.....

## **Quadros**

7-1	O Ciclo do Programa .....
8-1	Média de Números de Relatórios VBG em Um Mês, por País .....
8-2	Comparação de Relatórios de Estupro e Violência Doméstica em Um Mês, por País.....
8-3	Relatórios de Estupro em Campos Kasulu, Tanzânia, por Mês, Abril – Dezembro de 2000.....
8-4	Relatórios de Estupro em Campos Kasulu, Tanzânia, por Idade de Sobrevivente e Local do Incidentes.....
8-5	Percentagem de Todos Tipos de Relatórios de Incidentes VBG por hora do dia, Campo Mtendeli, Tanzânia, 1999-2000
8-6	Relatórios de Estupro em Quatro Campos, por Hora do Incidentes, Tanzânia, 1999-2000 .....
8-7	Percentagem de Estupros Relatados em Quatro Campos Durante Seis Meses, por Localidade, Tanzânia, 1999-2000 .....
8-8	Relatórios de VBG em Quatro Campos Durante Seis Meses, por Idade de Sobrevivente, Tanzânia, 1999-2000 .....
8-9	Incidentes VBG em Quatro Campos Durante Seis Meses, por Perpetrador; Relacionamento com Sobrevivente, Tanzânia, 1999-2000 .....
8-10	Relatórios de Estupro em Quatro Campos Durante Seis Meses, por Tempo entre Incidentes e Relatório ao Programa VBG, Tanzânia, 1999-2000 .....